

ALGUNS SIGNIFICANTES SOCIOLINGÜÍSTICOS DO FUTEBOL

Luiz Cezar Saraiva Feijó
(UERJ, UFF e ABRAFIL)

Na aula inaugural do Curso de Pós-graduação em Administração Esportiva da Universidade do Esporte, em Curitiba, em setembro de 1998, o jornalista Armando Nogueira referiu-se, em entrevistas aos jornais locais, ao futuro do futebol brasileiro nas competições internacionais. Chegou mesmo a afirmar que o Campeonato Mundial de Futebol, promovido pela FIFA, será disputado por “times” e não mais por países. Os argumentos, muito interessantes, narrados em seus textos, são polêmicos, evidentemente, e podem ser, inclusive, analisados pelo discurso acadêmico e metalingüístico do futebol, chamando-se a atenção para alguns significantes sociolingüístico, retirados de suas observações.

1- ARMANDO NOGUEIRA CHAMA A TORCIDA DE PLATÉIA.

“... não tenho a menor dúvida de que na Copa do Mundo não temos torcida nos estádios, o que temos é platéia. Se tivesse torcida, teria que ter alambrado, se não a torcida brasileira teria invadido o gramado na final da Copa da França e dado uma surra nos jogadores brasileiros”¹.

Pelo texto de Armando Nogueira podemos ver que TORCIDA e PLATÉIA não são, absolutamente, sinônimos.

Por que **torcida** e **platéia** não podem ser usados, um no lugar do outro? Observem.

O termo **TORCIDA**, formação sufixal, TORCER + suf. IDA, do latim clássico *torquere*, e do baixo latim *torcere* possui um leque significativo muito abrangente como: afligir, amargarar, atirar, atormentar, curvar, dobrar, despedir, dirigir, enrolar, experimentar, inquietar, lançar, revolver, sondar, torcer, torturar, vergar, voltar. TORCIDA, segundo o Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, significa coletividade de adeptos de um clube esportivo; grupo de torcedores, galera, sendo este último significado, utilizado na linguagem especial do futebol.

O termo **PLATÉIA**, do francês *platée*, significa o espaço destinado aos espectadores em um teatro, cinema ou auditório e, por extensão, aos que assistem a espetáculos, os mais variados, inclusive espetáculos esportivos.

Parece, assim, que esses dois termos são empregados, sempre guardando seus semas mais significativos. **Torcida**, é empregado para os jogos dos quais a massa comparece como assistência, como público participativo, espectador e ator ao mesmo tempo, como afirma Muniz Sodré: “Espectador, porque

¹ Cf. Gazeta do Povo, Esportes, Curitiba, 4 de setembro, 1998, 3ª col., in fine, p. 8.

2- ARMANDO NOGUEIRA CONTINUA:

“Tenho uma visão um pouco utópica de que a Seleção vai acabar e no futuro teremos uma Copa do Mundo de clubes. A Seleção, no que ela pode representar um substrato de uma nação, é uma ficção. Comparada com a realidade mercantilista do futebol, o que importa é o clube, aliás, é também do ponto de vista utópico. O clube é muito mais importante que a pátria na vida do cidadão que ama o futebol. O sentimento clubístico precede o sentimento patriótico”³.

O que pode causar polêmica, no texto acima, certamente estará ligado aos conceitos dos três significantes: nação, pátria e clube. Por quê? Porque não é fácil deixar de lado significações intensamente interiorizadas em nós, desde pequeninos, como o significado de nação e de pátria, substantivos até aceitos como sinônimos, um do outro. Depois o texto coloca em confronto CLUBE e PÁTRIA, um com o outro. E mais, o primeiro, em ordem de grandeza, maior do que o segundo. Portanto, devemos conhecer alguma coisa a mais sobre **nação**, **pátria** e **clube**.

Nação (do lat. *natione*). Termo antropológico (a antropologia descreve o homem, biológica e culturalmente) e sociológico (a sociologia estuda a relação do homem com as instituições). Assim, NAÇÃO será a reunião de indivíduos fixados em um território (mesmo que não tenham nascidos lá), unidos pelas mesmas marcas culturais; mesmos laços históricos; mesma língua, religião; mesmas formas de habitação, maneira de plantar, de vestir, de sentir a realidade circundante. Indivíduos reunidos em torno dos mesmos interesses, símbolos, emblemas, organizações, lendas e regras. Indivíduos venerando heróis envolvidos em feitos grandiosos, responsáveis pela coesão do grupo. NAÇÃO será, ainda, a reunião de indivíduos formando um grupo politicamente organizado sob um único governo. Pode ter a acepção de Estado (Cf. Organização das Nações Unidas - ONU).

Pátria (do lat. *patria*) Terra do pai, *scilicet* terra (em alemão *Vaterland*, Cf. Nascentes) .Termo com significação locativa. País natal, solo natal. Terra natal. Lugar de origem. Termo ligado às origens. O país onde nascemos. Pátria brasileira. Pátria amada (Cf. Hino Nacional Brasileiro).

Clube do inglês *club*, local de reuniões políticas, econômicas, literárias ou recreativas. O fonema /e/, paragógico, surge porque em português /b/ não fecha sílaba. O sema predominante será agrupamento de pessoas.

Todas as metáforas construídas com estes três significantes, **nação**, **pátria** e **clube**, devem obedecer aos significados contidos em cada comentário acima apresentado e se presentificarão com um ou mais semas de cada feixe semântico.

³ Cf. NOGUEIRA, Armando. Gazeta do Povo, Esportes, Curitiba, 4 de setembro, 1998, 3ª col., in fine, p.8.

Nação. Podemos dizer: nação tabajara (referência histórica e étnica); nação nagô (referência racial); nações amigas, Nações Unidas (organização política); nação rubro-negra, nação vascaína (referência ao futebol) etc.

Pátria como locativo: “Minha pátria é a língua portuguesa” (Fernando Pessoa) ; Ouro Preto é a pátria das igrejas barrocas ; O Brasil é a pátria do samba; A Inglaterra é a pátria do futebol ; “A Seleção é a Pátria de chuteiras” (N. Rodrigues).

Clube: Clube dos Sete (Dos sete países mais ricos do mundo - Referência político-econômica); Clube Literário Machado de Assis (Referência literária); Fluminense Futebol Clube (Um anglicismo de sintaxe. Referência recreativa); Clube do Bolinha (Local de reunião onde mulher não entra. Referência metafórica a uma transcodificação sgnica: revista em quadrinhos).

Assim, para que se entendam os comentários de Armando Nogueira, envolvendo os três termos em destaque (**nação, pátria e clube**), é preciso que o leitor distanciado das veredas do futebol, nem sempre verdejantes, seja apresentado a alguns fatos significativos, provocados na sociedade brasileira por esta modalidade esportiva tão apaixonante.

O futebol foi oficialmente introduzido no Brasil, há pouco mais de 100 anos, em 1894, em São Paulo, pelo paulistano de família abastada, nascido no Brás, Charles Miller, descendente de ingleses. Inicialmente elitista, preconceituoso, proibido aos desprezados pela fortuna, aos negros e aos mulatos, o futebol brasileiro vai para a clandestinidade das várzeas e nas peladas dos subúrbios inicia a sua transformação em esporte balizador de uma nova identidade cultural brasileira. Foi reestruturado pelas transformações sociais da pós-modernidade e, a partir dos anos 20, com o advento do modernismo nas artes, nas ideologias, na política e em todos os ramos das atividades socioculturais como o tenentismo, o comunismo, o modernismo e muitos outros “ismos”, se modifica completamente, atingindo, dez ou quinze anos depois, o profissionalismo. O futebol pode ser visto como jogo se for entendido como brincadeira, proporcionando intenso prazer, sem regras e uniformes coloridos, oferecendo ao corpo incrível liberdade e muita espontaneidade de movimentos (estão lembrados de Garrincha?). Pode ser visto como esporte se for olhado através de suas regras, com juiz, auxiliares de arbitragem, uniformes e muito mais. Esse futebol como esporte “é filho da Revolução Industrial”. O futebol, jogado nas ruas, nas praças e nas várzeas, juntamente com o futebol das regras e praticado nos clubes, se identifica com a esmagadora maioria da gente do povo, que torce por seu clube (pelo time de seu clube). Essa maioria, agora, está unida pela mesma expressão de sentimentos de seu clube, um ideal de vida sublime, heróico e modelar, pois na base desse fenômeno sociológico pode-se ver a conquista de espaços, ocupados, pelos brancos pobres, negros e mulatos. E muitos, chegando ao topo da exaltação, transferem para a seleção de futebol do país todas as formas de culto aos valores emblemáticos da pátria. Mas muitas bandeiras nacionais levadas aos estádios

têm costurados, no campo verde e amarelo, os escudos dos diversos clubes dos torcedores de todo o país. O futebol cria, então, um mito (uma significação é criada), amalgamando e ajustando identidades nas classes sócias e nas raças.

Mas essa popularização não ocorreu rapidamente. Iniciou-se num contato oral, indo de boca em boca, pelos bairros das cidades, e foi responsável pelo surgimento da paixão por esse esporte. Com a implantação do profissionalismo, a partir de 1933, até 1950, quando o futebol se expressa definitivamente como paixão, mesmo na decepção, serão a crônica esportiva dos jornais e as transmissões radiofônicas os principais meios responsáveis pela criação de um universo narrativo, decisivo para a sua popularização.

Os clubes recreativos com seus times de futebol foram surgindo nas várzeas e nos subúrbios das grandes cidades e as agremiações se transformaram em grandes “nações”. A nação vascaína; a nação rubro-negra; a nação tricolor das Laranjeiras; a nação da estrela solitária; a nação corinthiana; a nação palmeirense do Parque Antártica. O futebol, que congregou, polarizou, amalgamou todas as classes sociais numa ampla e multifacetada forma de prazer, é, também, o resultado de uma grande miscigenação étnica e se tornou o mais popular jogo do Brasil, esporte praticado em milhares e milhares de clubes. Clubes com conotação de nação.

Clube, portanto, como local de reuniões recreativas, proporcionando prazer, alegria e, às vezes, tristeza, mas muita diversão e felicidade, é maior que **nação**.

E pátria?

Bem! Fernando Pessoa dissera que sua pátria era a língua portuguesa.

Mas, quando o problema é o das origens, deve-se berrar utopicamente, coração na boca e mão direita no peito: – *minha pátria é meu clube...*

Ninguém muda de clube, mas adota-se uma nação para lá viver, sabe-se Deus como... E **“viver não é preciso...”**.